

## 7. Referências bibliográficas

ABRAMO, Helena Wendel. “Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil”. In: FÁVERO, Osmar; SPÓSITO, Marília Pontes; CARRANO, Paulo; NOVAES, Regina Reys (Org.) **Juventude e Contemporaneidade**. Coleção Educação para Todos. Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007.

ALONZO, Pedro. “*Children of the Revolution*”. In: Museum of Contemporary Art San Diego (Org.) **Viva La Revolución – A dialogue with the urban landscape**. San Diego, 2010.

ANDERSON, Chris. **A cauda longa**. A nova dinâmica de marketing e vendas: como lucrar com fragmentação dos mercados. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

BAKER, Alex. “*Theorizing the ‘street’ in the street art: some thoughts on the urban dialogue*”. In: Museum of Contemporary Art San Diego (Org.) **Viva La Revolución – A dialogue with the urban landscape**. San Diego, 2010.

BEDOIAN, Graziela e MENEZES, Kátia (Org.). **Por trás dos muros – Horizontes sociais do grafite**. São Paulo: Petrópolis, 2008.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Lisboa: Difel Difusão Editorial Ltda., 1989.

\_\_\_\_\_. **A Distinção: crítica social do julgamento**. Porto Alegre: Zouk, 2011.

\_\_\_\_\_. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

CALLADO, Ana Arruda. “O texto em veículos impressos”. In: Álvaro Caldas (Org.) **Deu no jornal: O jornalismo impresso na era da internet**. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e Cidadãos**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

\_\_\_\_\_. **Culturas híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Edusp, 2003.

COELHO, Frederico. “Rappers, funkeiros e as novas formas musicais da juventude urbana carioca”. In: ROCHA, Everardo; ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda (Org.) **Comunicação, consumo e espaço urbano: novas sensibilidades nas culturas jovens**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

DESIGNS AND PATENTS ACT 1988 Century. **Bansky – wall and piece**. Londres: The Random House Group Limited, 2006.

DOUGLAS, Mary & ISHERWOOD, Baron. **O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

ERBOLATO, Mario L. **Técnicas de codificação em jornalismo: Redação, captação e edição no jornal diário**. São Paulo: Ática, 1991.

FARIAS, Patrícia. **Pegando uma cor na praia: Relações raciais e classificação de cor na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal das Culturas, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 2003.

FILHO, João Freire e HERSCHMANN, Micael. “As culturas jovens como objeto de fascínio e repúdio da mídia”. In: ROCHA, Everardo; ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda (Org.) **Comunicação, consumo e espaço urbano: novas sensibilidades nas culturas jovens**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

FORTY, Adrian. **Objetos do desejo – Design e sociedade desde 1750**. São Paulo: Cosac Naify, 2007

FLUSSER, Vilém. **Uma filosofia do design – A forma das coisas**. Lisboa: Relógio D'Água, 2010.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Lisboa: Nova Vega, 2006.

\_\_\_\_\_ **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 2010.

\_\_\_\_\_ **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2009.

GANZ, Nicholas. **O mundo do grafite – arte urbana dos cinco continentes**. São Paulo: wmf/martinsfontes, 2008.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GITAHY, Celso. **O que é graffiti**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

HALL, Stuart. **A identidade na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna – Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Loyola, 1992.

HERSCHMANN, Micael. **O funk e o hip-hop invadem a cena**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LEITÃO, Carla Faria. “Inventando novas vidas em novas realidades”. In: ROCHA, Everardo; ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda (Org.) **Comunicação, consumo e espaço urbano: novas sensibilidades nas culturas jovens**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício de cartógrafo – Travessias latino-americanas da comunicação na cultura**. São Paulo: Loyola, 2004.

\_\_\_\_\_. “América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação Social”. In: SOUSA, Mauro Wilton de (Org). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

MCCRACKEN, Grant. **Cultura&consumo: novas abordagens ao caráter simbólico dos bens e das atividades de consumo**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

MELUCCI, Alberto. “Juventude, tempo e movimentos sociais”. In: FÁVERO, Osmar; SPÓSITO, Marília Pontes; CARRANO, Paulo; NOVAES, Regina Reys (Org.) **Juventude e Contemporaneidade**. Coleção Educação para Todos. Brasília: UNESCO, MEC, ANPED, 2007.

MORIN, Edgard. **Cultura de massas do século XX**. Volume I: neurose. O Espírito do Tempo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

O'BRIEN, Glenn. “*Basquiat and the New York Scene, 1978-82*”. In: Beyeler Museum AG (Org.). **Basquiat**. Basel: Fundação Beyeler, 2010.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2007

\_\_\_\_\_. “Modernidade e cultura”. In: SOUSA, Mauro Wilton de (Org.) **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis: Vozes, 1989.

PERALVA, Angelina T. “O jovem como modelo cultural”. In: FÁVERO, Osmar; SPÓSITO, Marília Pontes; CARRANO, Paulo; NOVAES, Regina Reys (Org.) **Juventude e Contemporaneidade**. Coleção Educação para Todos. Brasília: UNESCO, MEC, ANPED, 2007.

POATO, Sérgio. **O graffiti na cidade de São Paulo e sua vertente no Brasil: estética e estilos**. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo; Núcleo Interdisciplinar do Imaginário e Memória; Laboratório de Estudos do Imaginário, 2006.

REGUILLO, Rossana. “*Las culturas juveniles: un campo de estudio; breve agenda para la discusión*”. In: FÁVERO, Osmar; SPÓSITO, Marília Pontes; CARRANO, Paulo; NOVAES, Regina Reys (Org.) **Juventude e Contemporaneidade**. Coleção Educação para Todos. Brasília: UNESCO, MEC, ANPED, 2007.

ROCHA, Everardo. **Magia e capitalismo: um estudo antropológico da publicidade**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

\_\_\_\_\_. **Representações do consumo: estudos sobre a narrativa publicitária**. Rio de Janeiro: PUC-Rio; Mauad, 2006.

ROCHA, Everardo; PEREIRA, Claudia. **Juventude e consumo: um estudo sobre a comunicação na cultura contemporânea**. Rio de Janeiro: Mauad, 2009.

RODRIGUES, José Carlos. **Comunicação e Significado: escritos indisciplinados**. Rio de Janeiro: PUC-Rio; Mauad, 2006.

SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e videocultura na Argentina**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

\_\_\_\_\_. **La ciudad Vista – mercancías y cultura urbana.** Buenos Aires: siglo veintiuno editores, 2009.

SEVCENKO, Nicolau. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: SEVCENKO, Nicolau, NOVAIS, A. Fernand (Org.) **História da vida privada no Brasil** – Volume 3. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1998.

SIMMEL, Georg. “A Metrópole e a Vida Mental”. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org) **O Fenômeno Urbano.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento.** Petrópolis: Vozes, 2009.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de Redação: os textos nos meios de informação.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

SPÓSITO, Marília Pontes; CARRANO, Paulo. “Juventude e políticas públicas no Brasil”. In: FÁVERO, Osmar; SPÓSITO, Marília Pontes; CARRANO, Paulo; NOVAES, Regina Reys (Org.) **Juventude e Contemporaneidade.** Coleção Educação para Todos. Brasília: UNESCO, MEC, ANPED, 2007.

ZALUAR, Alba. “Gangues, galeras e quadrilhas: globalização, juventude e violência”. In: Hermano Vianna (Org.). **Galeras cariocas – territórios de conflitos e encontros culturais.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

### Catálogo:

CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL (Rio de Janeiro, RJ). **Keith Haring.** Rio de Janeiro: catálogo. Rio de Janeiro, janeiro/março de 2004.

### Artigos publicados em revistas eletrônicas:

RODRIGUEZ, Benito Martinez. “Mutirões da palavra: literatura e vida comunitária nas periferias urbanas”. **Estudos de Literatura Brasileira e Contemporânea.** Brasília, n° 22, julho/dezembro de 2003. Disponível em: [http://www.gelbc.com.br/revista\\_22.html](http://www.gelbc.com.br/revista_22.html)

SCHOLLHAMMER, Karl Eric. “Breve mapeamento das relações entre violência e cultura no Brasil contemporâneo”. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea.** Brasília, n°. 29, janeiro/junho de 2007. Disponível em: [http://www.gelbc.com.br/pdf\\_revista/2902.pdf](http://www.gelbc.com.br/pdf_revista/2902.pdf)

SETTON, Maria da Graça Jacintho. “A teoria do *habitus* em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea”. **Revista Brasileira de Educação.** São Paulo, n°20, maio/junho/julho/agosto de 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n20/n20a05.pdf>

SETTON, Maria da Graça Jacintho. “Indústria cultural: Bourdieu e a teoria clássica”. **Comunicação&Educação.** São Paulo, vol. 8, n°22, setembro/dezembro de 2001.

Disponível em:  
<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comeduc/article/viewArticle/4505>

MENDONÇA, Sônia Regina de. “Estado, violência simbólica e metaforização da cidadania”. **Tempo**. Rio de Janeiro, vol. 1, 1996. Disponível em:  
[http://www.historia.uff.br/tempo/artigos\\_livres/artg1-6.pdf](http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_livres/artg1-6.pdf)

### **Consultas em sites:**

Fundação Keith Haring

<http://www.haring.com/>

Taki 183

<http://www.taki183.net/#gallery>

Campanha Sprite

<http://www.sprite.com.br/>

<http://www.youtube.com/watch?v=g8kpzf27uc&feature=relmfu>

[http://www.youtube.com/watch?v=fbf\\_ICXfBCU](http://www.youtube.com/watch?v=fbf_ICXfBCU)

Galeria Phillips de Pury

<http://www.phillipsdepur.com/auctions/lot-detail/GAIS/UK000111/40/4/1/12/detail.aspx>

Outros sites:

<http://catalisando.com/goldenlist/celacanto.htm>

<http://www.overmundo.com.br/overblog/a-nacao-em-acao>

<http://www.belezapura.org.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inford=416&sid=3>

## Referências bibliográficas de periódicos

### Matérias de jornais assinadas

Aché, Suzete. “Pequeno notável”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 8 de outubro de 2006. Revista O Globo, pp.44-46.

Aché, Suzete. “Com os pés na cozinha”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 28 de outubro de 2006. Caderno Ela, p.6.

Albuquerque, Carlos. “Ih, sujou!”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 10 de julho de 2011. Segundo Caderno, Capa e p.5.

Albuquerque, Carlos e Velasco, Suzana. “No olho da rua”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 7 de agosto de 2011. Segundo Caderno, Capa e p.2.

Alves, Maria Elisa. “Grafites de rua ganham as casas dos cariocas”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 30 de abril de 2006. Rio, p.30.

Ancelmo, Luciana. “Das ruas, para a casa toda”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 3 de setembro de 2006. Caderno Morar Bem, p.21.

Avellar, Simone. “Artistas urbanos”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 12 de maio de 2011. O Globo Tijuca, Capa e pp.12-14.

Bastos, Isabela. “Isolado, ninguém olhou por ele: Cristo é pichado”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 16 de abril de 2010. Rio, p.18.

Bastos, Isabela e Berta, Ruben. “Pista que leva aos pichadores do Cristo vale recompensa de R\$ 5 mil”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 17 de abril de 2010. Rio, p.19.

Bastos, Isabela. “Novo mirante em Ipanema é alvo de pichadores”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 14 de janeiro de 2012. Rio, p.23.

Bezerra, Múcio. “Lei não impede venda de ‘spray’ a pichadores”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 12 de outubro de 1991. Grande Rio.

Bezerra, Múcio. “Pesquisa: carioca quer punição para os pichadores”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 13 de dezembro de 1992. Grande Rio, p.18.

Bottari, Elenilce. “De marginal a popular, grafite ganha as ruas”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 18 de dezembro de 2011. Rio, p.40.

Brandão, Túlio. “O Cristo sai da clausura”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 21 de abril de 2010. Rio, p.15.

Brisolla, Fabio. “Direto da fábrica”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 13 de novembro de 2011. Revista O Globo, pp.22-24.

Brum, Luciana. “Galeria a céu aberto”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 17 de novembro de 2006. Revista Rio Show, pp.20-23.

Calaza, Luciana. “Um quê de subversão”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 4 de novembro de 2007. Morar Bem, p.15.

Camelo, Mario. “Todos juntos vamos”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 18 de dezembro de 2011. Revista O Globo, pp.32-34.

Celestino, Helena. “A rua no museu”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 9 de julho de 2006. Segundo Caderno, p.8.

Cerqueira, Sofia. “Pichadores se alastram como praga pelo Rio”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 27 de janeiro de 1991. Grande Rio, p.30.

Dafлон, Rogério. “Divulgados retratos de suspeitos de pichação”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 21 de abril de 2012. Rio, p.15.

D’Ercole, Ronaldo e Novo, Aguinaldo. “Publicidade na internet já movimenta R\$1,2 bi”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 13 de fevereiro de 2011. Economia, Digital&Mídia, p.33.

Filgueiras, Mariana. “Assim caminha a street art”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 2 de janeiro de 2011. Revista O Globo, pp.24-34.

Filgueiras, Mariana. “Quadro a quadro”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 25 de setembro de 2011. Revista O Globo, pp.8-9.

Filho, William Helal. “Do muro para as telas, roupas e paredes”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 5 de janeiro de 2006. Revista O Globo Zona Sul, pp.20-25.

Filho, William Helal. “TPM, Todo poder às mulheres”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 18 de julho de 2006. Revista MegaZine, p.3.

Garcia, Alice Autran. “Mania de grafite”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 5 de agosto de 2007. Revista O Globo, Achados Imperdíveis, pp.52-53.

Garcia, Alice Autran e Araújo, Cíntia. “Grafite”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 16 de janeiro de 2011. Revista O Globo, pp.36-37.

Gonçalves, Liane. “Nas alturas, pichadores pecam contra a beleza”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 15 de fevereiro de 1991. Grande Rio.

Martins, Sérgio Bruno. “Panorama da visualidade dócil”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 6 de agosto de 2011. Prosa&Verso, p.5.

Merola, Ediane. “Pichador se apresenta e é liberado”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 23 de abril de 2010. Rio, p.26 e Capa.

Merola, Ediane. “Pichadores ajudarão a limpar monumentos”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 1º de maio de 2010. Rio, p.18 e Capa.

Neves, Tânia. “Arte no muro”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 13 de agosto de 2006. Revista O Globo, pp.14-16.

Pepe, Cristiane. “Pichação que o tempo não apaga”. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 8 de agosto de 2010. Cidade, p.A13.

Pfeiffer, Alice. “*Graffiti art earns new respect in Moscow*”. **International Herald Tribune**, Nova York, 14 de outubro de 2010. p.14.

Ramalho, Sérgio. “Acusados de sujar o Cristo teriam pichado o cemitério no ano passado”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 26 de abril de 2010. Rio, p.26 e Capa.

Rodrigues, Lula. “Grafite, computação gráfica, design, música e moda. Você quer mais?” **O Globo**, Rio de Janeiro, 8 de julho de 2006. Caderno Ela, Capa e p.2.

Sarmento, Claudia. “Arte brasileira para superar catástrofe”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 22 de janeiro de 2012. Segundo Caderno, p.3.

Scolfield, Gilberto e Abos, Márcia. “Dois é demais”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 21 de agosto de 2011. Revista O Globo, Capa e pp.34-39.

Tardáguila, Cristina. “Tinta fresca”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 11 de setembro de 2011. Revista O Globo, pp.10-11.

Werneck, Antônio e Araújo, Vera. “Pichador de Cristo promete se entregar hoje”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 22 de abril de 2010. Rio, p.18 e Capa.

### **Matérias sem assinatura**

“Nilo cobra ação da PM contra pichadores”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 3 de outubro de 1991. Grande Rio, p.16.

“Cristo é pichado por dois paulistas”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 18 de novembro de 1991. Grande Rio, p.7.

“Juizes de menores se desentendem de novo por causa de pichadores”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 22 de novembro de 1991. Editoria Rio, p.8.

“Gangues homenageiam pichadores”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 24 de novembro de 1991. Grande Rio, p.23.

“Pichadores do Cristo são levados para Feem”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 28 de novembro de 1991. Grande Rio, p.19.

“Pichadores do Cristo terão que trabalhar gratuitamente”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 10 de dezembro de 1991. Grande Rio, p.14.

“Pichador de Cristo se arrepende e diz à mãe que não suja mais”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 15 de dezembro de 1991. Rio.

**O Globo**, Rio de Janeiro, 14 de janeiro de 1992. Editoria Grande Rio, p.15.

“Pichadores do Cristo limpam posto de saúde em São Paulo”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 2 de fevereiro de 1992. Grande Rio.

“Químicos americanos criam arma contra grafiteiros”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 11 de abril de 1992. Internacional.

“Assassinado um dos rapazes que picharam o Cristo”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 5 de junho de 1992. Grande Rio, p.12.

“Estado também proíbe venda de tinta spray”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 14 de julho de 1992. Grande Rio.

“Venda de spray a menores é proibida”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 12 de agosto de 1992. Grande Rio.

“Alunos pichadores são obrigados a limpar prédio do Instituto de Educação”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 17 de setembro de 1992. Grande Rio.

“Pichadores estragam restauração do castelo mourisco da Fiocruz”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 26 de novembro de 1992. Grande Rio.

“Pichadores rabiscam Memorial do Carmo”. **Globo**, Rio de Janeiro, 9 de dezembro de 1992. Grande Rio, p.17.

“Pichadores atacam túmulos de cemitérios”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 14 de dezembro de 1992. Grande Rio, p.7.

“De volta ao local do crime”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 15 de dezembro de 1992. Grande Rio, p.12.

“Detido pichador do túmulo de Cazuza”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 18 de dezembro de 1992. Grande Rio.

“Vândalos invadem igreja em Botafogo e picham obras de arte sacra”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 19 de dezembro de 1992. Grande Rio.

“Pichadores atacam mais uma igreja, agora em Olaria”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 21 de dezembro de 1992. Rio.

“Vândalos picham altar e imagens de igreja no Caju”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 3 de janeiro de 1993. Rio.

“Pichadores atacam fachada da Casa de Rui Barbosa”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 14 de janeiro de 1993. Grande Rio, p.15.

“Pichadores sujam altar e imagens de basílica na Tijuca”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 29 de março de 1993. Rio.

“Sem fiscalização, spray continua sendo vendido para menores”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 4 de julho de 1993. Rio, p.22.

“Dois pichadores são presos com 400 frascos de spray roubados”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 20 de agosto de 1993. Rio, p.10.

“O vandalismo é cego aos limites da lei”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 4 de junho de 1995. Rio.

“Secretário manda a polícia caçar os pichadores”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 6 de junho de 1995. Rio.

**O Globo**, Rio de Janeiro, 7 de janeiro de 2006. Rio, Coluna Ancelmo Góis, p.14.

“Os grafites da Nóia”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 25 de janeiro de 2006. Segundo Caderno, Coluna Gente Boa, p.3.

“Subindo pelas paredes”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 9 de abril de 2006. Revista O Globo, p.35.

**O Globo**, Rio de Janeiro, 18 de junho de 2006. Revista O Globo, p.50.

**O Globo**, Rio de Janeiro, 18 de junho de 2006. Segundo Caderno, Coluna Gente Boa, p.3.

**O Globo**, Rio de Janeiro, 5 de novembro de 2006. Revista O Globo, Achados Imperdíveis, p.34.

“Já pra rua”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 2 de dezembro de 2006. Caderno Ela, p.17.

**O Globo**, Rio de Janeiro, 10 de dezembro de 2006. Revista O Globo, Achados Imperdíveis/Natal, p.35.

**O Globo**, Rio de Janeiro, 31 de dezembro de 2006. Revista O Globo, Achados Imperdíveis, p.38-39.

“Bebê moderno”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 6 de abril de 2008. Revista O Globo, Sei lá, mil coisas, p.6.

“Padroeiro: Estátua ainda suja”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 19 de julho de 2009. Rio, Texto Legenda, p.26.

“Removendo a sujeira”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 29 de abril de 2012. Rio, Coluna Ancelmo Góis. p.26 e Capa.

**O Globo**, Rio de Janeiro, 25 de dezembro de 2010. Caderno Ela, p.7

“Pela porta da frente”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 21 de setembro de 2010. Revista MegaZine, p.3.

“Esse cara é bom”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 8 de fevereiro de 2011. Segundo Caderno, Coluna Gente Boa, p.5.

“Mostra de grafite causa confusão em LA”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 23 de abril de 2011. Segundo Caderno, p.3.

“Grafite na ABL”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 23 de abril de 2011. Prosa&Verso, Coluna Prelo, p.5.

“Nova lei libera grafite artístico e consentido”. **Destak**, Rio de Janeiro, 27 de maio de 2011. Rio, p.2.

“Arte por todos os lados”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 11 de setembro de 2011. Segundo Caderno, Coluna Gente Boa, p.5.

“Grafite na TV”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 29 de janeiro de 2012. Revista da tv, p.7.

**Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 17 de dezembro de 2007. Caderno B, pp.B1-B16.

**Agenda Cultural Lisboa**, Lisboa, julho/agosto de 2011. pp.4-19.

## Revistas

ALMEIDA, Lúvia; SÁ, Fátima. “Das ruas para as vitrines”. **Veja Rio**, Rio de Janeiro, 10 de maio de 2006, pp.16-22.

STERMAN, Raquel. “Os novos marchands”. **Veja Rio**, Rio de Janeiro, 27 de abril de 2011, pp.26-27.

## Sites

### The New York Times

[http://www.nytimes.com/2012/01/29/world/americas/at-war-with-sao-paulos-establishment-black-paint-in-hand.html?\\_r=1&scp=1&sq=grafitti%20S%C3%A3o%20Paulo&st=cse](http://www.nytimes.com/2012/01/29/world/americas/at-war-with-sao-paulos-establishment-black-paint-in-hand.html?_r=1&scp=1&sq=grafitti%20S%C3%A3o%20Paulo&st=cse)

### Veja Rio

<http://veja.abril.com.br/vejarj/120203/cidade.html>

<http://veja.abril.com.br/vejarj/261103/arte.html>

### Jornal da PUC-Rio

<http://jornaldapuc.vrc.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inoid=136&sid=20>

## **8.Anexos**

## **Entrevista com Rodrigo Soares de Souza, o “Toquinho”**

Rio de Janeiro, 9 de novembro de 2011.

### **Como você começou a fazer grafite?**

Bem, é meio herança de meu pai. Eu desde molecote já desenhava e pintava porque meu pai lidava com isso. Meu pai fazia muito balão também, então eu tava sempre em contato com papel, cola, esses materiais. Foi meio natural. Tudo começou comigo, eu já pintava desde molecote, Copa do Mundo, chão de rua, mas eu não tinha a mínima noção aonde isso ia me levar. Agora, a coisa do grafite foi a mídia mesmo. Tipo, eu vi na televisão alguém fazendo, algum filme, alguma coisa assim, e eu já tinha essa facilidade de lidar com materiais de tinta, eu procurei uma loja, comprei spray e fui rabiscar. Eu lembro que meu primeiro grafite, aqui no Rio, foi em Maria da Graça. Naquela noite eu nem dormi porque eu achava que a chuva ia apagar e tal. De manhã, eu fui lá e tava tudo certo. Daí eu não parei mais de pintar.

### **O grafite virou uma forma de se ganhar dinheiro, uma possibilidade de trabalho?**

Eu sou exemplo disso. Eu literalmente abandonei um emprego numa instituição federal – era agente comunitário na Fiocruz – onde até eu percebi que poderia trabalhar com grafite como ferramenta de promoção da saúde, promovendo saúde através do grafite. E através desses trabalhos, dessas telas, eles conseguem gerar renda, inclusive na venda dos adesivos que a gente produz para o Rappa. A FAC (Fábrica de Arte e Cidadania) tem a chancela de produzir os adesivos oficiais do Rappa, que são vendidos nos shows do Rappa. Esses meninos recebem uma quantidade que eles podem vender para os amigos, para o professor, e ficar com essa grana, para botar uma grana dentro de casa, o mínimo possível.

E o mercado, sim, ele está pedindo o grafite, tanto em serviço quanto em exposição. E a gente vê que hoje o mercado é monstruoso. O mercado está pedindo grafite. As pessoas me ligam implorando coisas, serviços, pinturas, e eu não posso atender todo mundo. A galera não atende todo mundo, Uns trabalhos não são interessantes outros são.

### **O grafite virou moda?**

Bem, se escreve na pedra desde sempre...Desde de sempre que o homem escreve na pedra. A gente até brinca no meio do hip-hop – são quatro elementos, o b boy, o rap, o break e o grafite - dizendo que o grafite começou antes do break, porque se escrevia nas cavernas. E os b boys dizem a mesma coisa, que mesmo nas cavernas eles dançavam para a chuva ou para o fogo. Eu não acho que seja moda, é meio que uma febre, porque a mídia absorveu isso, e hoje você tem grafite na favela como tem oficina dentro de condomínio na Barra da Tijuca. Oficinas pagas. Como o Yuka (Marcelo) falou uma vez, você pode esconder a sua música, você pode esconder a sua poesia, mas como esconde um grafite? E esses moleques, esses pequenininhos não têm noção, mas já, já eles percebem que para fazer o grafite tem que botar a cara, tem que dar cara a tapa. A sociedade não está acostumada, ela aceita se for para ela esteticamente bonito, se não for, como a pichação, que não é esteticamente bonito, vira vandalismo, isso ou aquilo. Mas o fato de estar na rua e você fazer uma pessoa parar cinco segundos que seja para olhar a sua arte, eu acho que já é um salto. E aí se você protesta isso em algum muro, você está ali botando a cara a tapa.

### **O fato de o grafite começar a ser feito na Zona Sul ajudou a projetá-lo?**

Antes dessa galera a gente estava na mídia. Já tinham matérias do Fábio (Ema) super antigas, antes mesmo de alguém do lado de lá pensar em fazer grafite. Mas se eu tenho um produtor, e ele vem para o Rio de Janeiro, se ele quer ver uma festinha de hip-hop, mesmo que ele more em uma comunidade em São Paulo, o primeiro lugar que ele vai visitar não é Manguinhos, ele vai querer pegar uma praia. O primeiro lugar que ele vai querer ir vai ser Copacabana, a Lapa. É lá que vai bater de primeira com o grafite. A questão da Zona Sul é o acesso. E não falo só de grafite não. A molecada do Vidigal conheceu primeiro o *wireless* do que a molecada de Manguinhos. O forte da molecada do Vidigal não é o futebol, é o surfe. Por ser Zona Sul também, a molecada que anda naquele território tem muito mais contato com arte do que a galera de Manguinhos. Lá tem mais equipamentos culturais, tem mais cinema, mais teatro, mais shopping. Em relação específica a Manguinhos, Manguinhos tem um atraso muito grande com relação à cultura. Assim como algumas áreas da Zona Oeste, como Santa Cruz. Mesmo o grafite ter vindo primeiro para Zona Norte do que para a Zona Sul, teve essa coisa, eu vejo

que era a carência da informação. Quando os sprays importados vieram para o Rio, eles não vieram para a Zona Norte, vieram primeiro para a Zona Sul. Por sorte, durante anos a gente teve um fornecedor que manteve uma loja em Madureira, mas que também tinha loja em Copacabana. Porque teve a visão, ele não ia abrir em Belford Roxo, porque o nicho está aqui. As minhas telas não vendo aqui, vendo na Zona Sul, em São Paulo, e quando é na Zona Norte, é no shopping.

### **O pessoal do FleshBeck é que pintava na Zona Sul, não é?**

A referência de hip-hop no Rio era a festa Zoeira, no bar Sinuca, na Rua Riachuelo, 19, só existia aquilo. Era onde ia o Marcelo D2, onde iam os globais da “Malhação”. Era um lugar sujo, totalmente underground, onde eu conheci os FleshBeck. Até hoje tentam fazer e decorar igual o Zoeira. Eu estava jogando uma sinuca na última mesa, chegou uma galera com uma lâmpada de alumínio, uma coisa feia, mas era legal, com um câmara gigantesca, era uma polaroid, sei lá o quê, e com uma revista, um zine. Todo sábado estava no Zoeira, já conhecia os MCs. Eles se apresentaram. Eu não tinha a comunicação, o acesso, o canal. O máximo que eu gostava de estar era a Lapa, que até hoje é nosso escritório. E aí eles me deram a revistinha e eu achei maravilhoso. Aí eu vim saber quem eram os caras, que tinham grana para imprimir revista, que tinham acesso a tintas importadas, e tudo mais.

### **No início, quais eram os lugares onde se fazia o grafite?**

Quando o grafite veio para o Rio de Janeiro ele se instalou mesmo na área da Zona Norte: Penha, Ramos, Bonsucesso, os meninos da Baixada também começaram a fazer as ações na Vila Operária. Eu ficava muito na Zona Norte, Maria da Graça, Higienópolis, Bonsucesso, Penha, e não na Zona Sul. Grafiteiro tem a questão do território. Muito Baixada, porque era perto da casa da minha mãe. A galera da Penha era muito forte em relação a isso, tinha um forró na praça do IAPI (Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários) onde era o nicho dos grafiteiros. Depois de um tempo ele foi parar na Zona Sul, com uma galera mais acadêmica, claro, que tinha recursos, enquanto a gente aqui se juntava para comprar spray, a galera lá já tinha Net, uma coisa que a gente sabia que já existia, mas a gente não tinha acesso, era um amigo ou outro que tinha um

computador. Lógico, a informação global foi muito mais para eles. Hoje a gente mostra aqui de onde vem essa coisa, de onde essa galera chupa o grafite.

### **O que vocês falam para os meninos da FAC sobre pichação?**

Eu comecei com a pichação. O grafite, na sua essência, é uma evolução da pichação. O grafite é isso: o que começou no gueto de Nova York era pichação. A pichação é um instrumento poderoso de protesto dentro de uma cidade que muitas vezes já é cinza, sujeira. Mas fala muito. Você vê em São Paulo, para mim tem coisas que são verdadeiras obras de arte. Em São Paulo você vê prédios abandonados pichados do chão até em cima. Você vê ali são várias pessoas que tomaram o seu tempo para protestar contra o estado. E o engraçado em São Paulo é que você tem um prédio abandonado aqui e um condomínio ao lado intacto. A galera não quer aquele condomínio. Eles desprezam aquilo, eles querem um prédio que está desocupado, querem rabiscar tudo, sem escrever palavrão. A gente tenta colocar os meninos no melhor caminho e o mínimo que se pode dizer de pichação é que é arriscado. Você pode tomar um tiro, eu já tive amigos que morreram porque caíram do segundo andar. A gente tenta não levar muito para este lado, porque eles são ainda muito miudinhos, eles vão ter tempo para isso, para decidir, nós damos o peteleco, sabe? O que vai ficar é a minha metodologia e a do Fábio.

### **O mercado do grafite cresceu muito?**

Você tem grafite em tudo, eu fico assustado. Fico um pouco assustado que no programa tal tem um *style* de grafite, ou que o cara da banda tal vem para cá e a bateria dele é toda grafitada. Hoje muitas empresas usam grafite, o Spoleto está lá com uma coleção de grafitadores. Esses negócios são fechados, esses contratos são fechados. Você pega uma cervejaria grande que usa o grafite para pintar a Copa. E eu acho isso do caralho, porque o cara que sacou isso, grafite é rua, todo mundo que vê Copa do Mundo bebe cerveja, então todo mundo vai beber a minha cerveja. Quanto ao mercado, é ótimo. Hoje de manhã acordei, piscando, meu celular tocou e do nada fechei um negócio. Anos atrás isso não rolava. Era uma empresa ou outra, muito raro. Nos últimos dez anos o grafite deu um salto em relação ao material, evoluiu muito, com relação às tintas, em relação ao mercado e até em relação à metodologia mesmo. Hoje em dia eu ensino os meus alunos sem

preocupação de estética. O fato de eles já estarem aqui com a gente, para mim já é um ganho. O fato de eu fazer com que esse moleque, daqui a um ano, que é baixinho, mas já quer segurar um fuzil, estar aqui... Hoje eles têm outros heróis.

**Por que as pessoas começaram a descobrir que o grafite é bonito? Foi por causa da mídia?**

Eu também fui tatuador. Antes, se a minha namorada tinha que dizer para a mãe que namorava um tatuador, um grafiteiro, era um problema. Mas dizer que namora um grafiteiro, hoje, está na “Malhação”. O grafite está em toda parte. Hoje em dia eu entro em um lugar e dizem: “Este é o Toquinho, o grafiteiro”. Esse exemplo que eu dei da mãe da namorada, é porque as pessoas sabem, o grafite veio e está no gueto, que na favela tem. Tinha esse lado, é grafiteiro e mora em Manguinhos. A mídia foi absorvendo isso por um lado positivo, graças a Deus, mas a mídia percebeu que o grafite também era mídia. Então, não vamos meter pau. Pela questão da ferramenta. No Méier, por exemplo, tem um monte de cursinho. Se no cursinho “x” eu tenho um murão com uma puta parede grafitada com o nome do cursinho, da minha empresa, neguinho vai querer estudar onde tem grafite, e não em uma com um muro todo branco. Isto é a mídia para aquele cliente. Você entra no shopping e vê muita camisa que o *style* não é feito por um grafiteiro, mas você vê que tem o *style* de um grafite. Tem umas fontes de grafite que são usadas, são *styles* que ajudam a vender. Entra no mercado, tudo tem grafite, os *styles* são grafite. O grafite no Rio é meio lado A e lado B. Tem esse nosso lado negro, mas que é lado negro do bem, e tem o lado *clean*, lado moda, comercial, que é feito por pessoas que não estão a fim de meter o pé na lama. Ele quer vender uma tela por R\$ 12 mil. É o que interessa nesse outro lado. Durante muito tempo eu bati muito de frente com isso, mas com o tempo eu percebi que, independente do lado A ou do lado B, eu tenho que fazer o meu lado girar. Quem quiser vir, ver o projeto, é só chegar junto.

**O grafite também é educativo?**

Pô, já me ligaram uma vez dizendo que queriam botar o grafite como matéria em uma escola. Em 2010, eu e Fabio Ema pintamos 12 escolas da rede do estado, fomos para Nova Iguaçu, Itaboraí, Itaguaí, Luiz Carlos da Vila, aqui em Manginhos nós fizemos o Núcleo de Cultura Escolar (NCE). Nessas escolas que foram decoradas e agraciadas com o nosso grafite fizemos padronizado, meio que vendemos um pacote para a Secretaria de Educação que se juntou com a Secretaria da Cultura. Uma mãe parou o Fabio em Caxias e disse que o moleque estava arrebrandando na matéria que era mais fraco porque ela passou a negociar: ou você estuda ou não vai ter o grafite. O estado dá força para o grafite. O estado dá a maior força para isso. Acho, inclusive, que esta questão do grafite deveria interessar mais à secretaria de educação do que a secretaria de cultura. E em alguns lugares há reserva, algumas as diretoras olham ainda assim.

**Você nota diferença de comportamento nos meninos que frequentam a FAC?**

Mudam totalmente. Eu vejo mais respeito. A concentração daqui de dentro é diferente da rua. Aqui eles podem até se soltar mais, mas têm que ouvir, tempo para prestar atenção. Eles vão ficando mais concentrados. Aqui dentro (na FAC) eu sou o cara que veste a roupa do chato. Os maiores já perceberam que quando a gente está na rua eu sou outra pessoa, eu já brinco, alguns têm liberdade de ir ao ateliê. Eles são alopradores mesmo, são moleques de favela. Se a gente não tiver o mínimo de controle, de disciplina, um vai pegar o spray e vai pintar a cara do outro. Antes de pegar no spray a gente explica, diz que não pode.

**O que o grafite significou para a tua vida?**

Pôxa, nossa! Pô, eu vendia droga, andava de fuzil. Não tenho medo de dizer isso. Detalhe, de um cara que não fazia parte daquilo. Eu não sou história única. Eu tive amigos que moravam em uma mansão em Higienópolis, que hoje estão mortos porque se meteram no meio do morro, ganharam uma resposta, e morreram. Não tiveram a sorte de ver aquele papel de emprego no posto, de agente de saúde na Fiocruz. Depois de três anos na Fiocruz eu comecei a ficar muito sufocado. Mas fiz verdadeiros amigos. Conheci pessoas como o Marcos Besserman que me dizia: “Pô, cara, pinta aí para a galera comer mais verde.”

Foi a salvação. Podia ficar conversando até amanhã. Fez eu largar um emprego de carteira assinada, em uma instituição federal. É a salvação desses meninos. Se algum dia eles forem jogador de futebol, médico, professor, vão lembrar do Toquinho e do trabalho feito aqui.

### **E você acha que o grafite pode ser também salvação para esses meninos?**

O grafite é a salvação desses meninos.

### **O que é a cidade para o grafiteiro?**

É a grande tela, né? Ele tem que entender, que foi uma coisa que aprendi na favela, que é a coisa da posse, de se apossar do território. Não estou falando do muro das casas das pessoas, estou falando de prédios públicos, abandonados, eu aprendi isso na favela. Se você quer, você tem se apossar, você tem que tomar de assalto. O espaço, principalmente no Rio de Janeiro, é escasso. Acho que falta hoje no Rio, esse lado B, de repente é isso, tomar de assalto. O grafite no Rio não é protesto. O grafite no Rio é Disneylândia. Ninguém escreve que o governador, o prefeito, é isso é aquilo, que o estado é não sei o quê. Ninguém faz um mega painel de protesto. Você faz pela estética, não pelo protesto, o que é muito diferente de São Paulo. No Rio, é praia e samba, né?. Na cidade da Copa, tem cacrolândia aqui do lado. Na cidade da Copa e do Pan ou sei lá o quê, tem criança passando fome e não é lá na Baixada. Pertinho tem. Na Barra da Tijuca tem. Em São Paulo são organizadíssimos. É porque lá não tem praia, então eles perdem tempo pensando em outra coisa. Mas como é que pode a cidade da Copa criança andar com arma de guerra? Uma 762 é arma de guerra...

## **Entrevista com Tomaz Viana, o “Toz”**

Rio de Janeiro, 3 de novembro de 2011.

### **Quando você começou a grafitar?**

Na rua mesmo, dizer que grafite, acho que foi em 98, foi o primeiro registro que a gente tem assim de pintura no muro.

### **E como era naquela época?**

Tem algumas diferenças, a principal delas é o espaço. Antigamente a gente tinha a cidade toda só para a gente, não existiam outros grafiteiros. Então a gente dominava totalmente a situação, né? Isso mudou muito. E também as pessoas não conheciam, o grande público não conhecia. Então a gente sofria vários tipos de situações engraçadas, e outras nem tão engraçadas assim, tipo, nêgo xingava, nêgo passava gritando, outras pessoas elogiavam. Já demos várias voltas em carro da polícia, várias denúncias, que as pessoas não entendem. A diferença básica, acho que é a aceitação e a quantidade de espaço que tinha na rua para se fazer, que hoje em dia não tem tanto. Quando eu comecei era eu e mais dez grafiteiros, hoje sou eu e mais dez mil.

### **No início, o FleshBeck era formado por quem?**

Quando eu comecei com o grupo, a gente inicialmente tinha uma zine, uma revistinha, nesta revistinha quem fazia parte da primeira edição fui eu, o Bruno, o BR, o Rod, e o Letz, o Rafael. Nós quatro pintávamos, mas dentro desse grupo ainda tinha mais um elemento, que não pintava, que registrava essas imagens, que era o Rogério Carranca, que é meu amigo de infância, que veio para o Rio para estudar direito e desandou de uma forma que virou cineasta. Essa foi a primeira formação, a formação que a gente conserva até hoje, o único que não faz parte é o Rafael Letz. O Rogério filmava em vídeo, fotografia, de forma despretensiosa, a gente nunca teve essa pretensão. No começo, a gente estava estudando na faculdade de design. A gente pintava muito no Centro. Na verdade, o grafite começou para a gente no centro da cidade porque na Presidente Vargas a gente chegava no sábado, as lojas de tintas eram na Presidente Vargas e na Uruguaiana,

a gente comprava as tintas e pintava ali por volta, em paredes de estacionamentos, dentro dos próprios estacionamentos, a gente estacionava o carro, a gente via um muro, pedia o cara de lá para pintar. Pintava pistas de skate, rampas de skate. A gente foi testando, botando as manguinhas de fora, foi fazendo aqui e ali, ia indo, indo, não chegamos de cara na Vieira Souto, chegamos nas adjacências, começamos pelo centro da cidade. Para mim, até hoje, o centro é o melhor para se pintar. A gente pintava muito também no Corte do Cantagalo, no Jardim Botânico, na Hípica, no Jóquei, na Gávea.

### **Por que o público mudou tanto a opinião sobre o grafite?**

Duas coisas: no Rio acho que a gente (o FleshBeck) teve um papel fundamental nessa mudança. Principalmente pela nossa aparência física, né? A gente sempre teve essa cara que a gente tem de playboy. Nós somos da classe média carioca, a gente foi bem recebido por eles. Acho que se um moleque da periferia, do morro, tenta fazer o que a gente fez, talvez ele tivesse muito mais problemas, problemas mesmo. Assim, a gente nunca foi preso por aqui, a gente passeou nos carros de polícia, nunca fomos agredidos por policiais, nem por pessoas. A característica principal e o que fez o grafite ficar tão popular no Rio de Janeiro, uma das características principais, com certeza, foi a gente representar um pouco de uma classe e de outra, a gente viveu uma cultura que vem do gueto, mas já com uma pegada diferenciada, de quem estudou na faculdade, de quem morou fora. A gente começou já cheio de maldade no trabalho, a gente já sabia de cores, a gente já entendia de coisas. Como um moleque de morro que começa a fazer grafite e não tem essa informação que a gente tinha. Então a gente foi para o muro com um nível de pintura mais alto, sofisticado, então as pessoas consideravam trabalho, achavam que a gente estava ganhando para fazer isso; “Como assim, você tá fazendo tudo isso aí de graça?” Acho que isso fez com que as pessoas respeitassem: “não, isso é um trabalho”. E aí a gente começou a fazer muito trabalho comercial e a corresponder muito bem. A gente fez trabalhos com multinacionais, tinha nível de apresentação, de responsabilidade, com conta de, sei lá, de R\$ 50 mil. E a gente tinha 23 anos, 24, a gente estava na faculdade. Nossos professores ficavam amarradões de ver que a gente tinha aberto um nicho no mercado. Coca-Cola quer fazer uma estampa hoje em dia ela pensa em um grafiteiro para fazer, não pensa em um escritório caretésimo. Isto veio muito

porque a gente prestou serviço. Eu não tenho nenhuma modéstia para dizer, eu acho que a FleshBeck fez realmente o grafite no Rio de Janeiro ganhar o status de profissão, de ser uma coisa mais séria. Aqui é diferente mesmo. Acho que muito pela necessidade social.

### **O grafite ganhou aceitação mas também virou uma forma de se ganhar dinheiro?**

Sim, com certeza. Na verdade, não é qualquer um que faz, então virou habilidade específica, e como habilidade específica, você não vai chamar o cara que não sabe fazer grafite para mexer naquela ferramenta. Para você ter uma imagem que pareça com grafite você tem que chamar um grafiteiro. Isto é indiscutível. Qualquer coisa que você faça, e der para alguém que desenhe bem vai ficar falso. Hoje em dia o mercado fez o quê? Oh, tem o FleshBeck que custa não sei quantos mil, mas tem um fulaninho lá que custa não sei quanto, qual o nível orçamento que você tem? Hoje em dia tem isso. Eu vejo lá os moleques que fizeram aula comigo, os moleques não param de trabalhar, trabalham que nem eu, muito! Fazem estampa, fazem não sei o quê, fazem que nem eu, eu continuo trabalhando pra caramba, cada vez mais, ou seja, o mercado está realmente...

### **Existe muita diferença entre o grafite do Rio e de São Paulo? Qual?**

Tem muita diferença. Acho que o Rio de Janeiro tem coisas de qualidade no trabalho que São Paulo tem. Mas o Rio de Janeiro tem muito estilo variado e diferente de São Paulo. O Rio de Janeiro tem um estilo único. Mas a galera que pinta aqui não tem a qualidade de refino, de acabamento, de técnica, de estudo, e até vontade de fazer coisas grandes. A galera aqui é muito acomodada. Todo mundo só quer pintar no Jardim Botânico, na Hípica, no hall fame, né, onde fica famoso. Não quer pintar no viaduto lindo, naquele ali (viaduto Paulo de Frontin) que nem eu fiz. Isso é do temperamento de gente de praia, eu acho, o grafiteiro carioca tem isso, quer pintar mas quer que seja “legalize”, que seja liberado, não quer ser preso, quer ter status de artista, quer fazer exposição, quer pegar as meninas do Posto 9, entendeu? Enquanto que em São Paulo a realidade é outra. Os caras acordam 7h da manhã, não tem menina, meu irmão, é no muro. É o cara pintando no muro, neguinho pintado, mais de 15 malucos desenhando, nêgo tem aquela onda.

**Então você acha que o grafite aqui no Rio é mais lúdico?**

Eu não sei se a palavra é lúdico, acho que o grafite aqui tem um caráter mais profissional realmente, é uma possibilidade real de grana, e como a gente, como o brasileiro, está acostumado a ser free-lancer, a ser, tipo, um vendedor ambulante, eu acho que caiu como uma luva para muitas pessoas. Eu não sei se a palavra é lúdico, mas o grafite no Rio, que é minha experiência maior, mas no Brasil, de uma maneira geral, ganhou status de profissão e isso fez muita coisa evoluir, a gente não mete mais o pé na porta. Nêgo vai, toca na campainha: boa noite, eu faço grafite, é meu trabalho, posso pintar seu muro? Hoje em dia a coisa é muito mais assim.

**E no exterior, o grafite tem o mesmo status que tem aqui no Rio?**

Acho que o grafite lá tem um status diferente. Primeiro que cada lugar recebe o grafite de forma diferente. Acho que o grafite aqui a gente sempre viu o grafite como uma ferramenta de transformação social. Sempre existiu essa possibilidade, nunca foi uma coisa assim, ah, eu vou ser artista só por ser artista, ou destruir, sou vândalo. Sempre as autoridades, as pessoas responsáveis por ONGs sempre incluíram o grafite como uma ferramenta de ação social. “Oh, vamos fazer oficina de grafite para os moleques”. Isto já veio na mentalidade. Coisas que na Europa não existe isso. Existe, sim, um mercado enorme paralelo, de grafite, que não depende da aprovação da sociedade, não depende do governo, não depende de nada, a própria estrutura do grafite banca aquilo ali, entendeu? As fábricas de tintas, as marcas tipo Nike, elas estão de acordo com os movimentos independente da sociedade como um todo abraçar e falar assim: “Ah, isso é muito legal”. Acho que lá fora tem essa coisa meio assim, “Oh, a gente tá aqui e a gente vai fazer independente de ser proibido ou não, a gente pinta trem, a gente é vândalo, a gente pinta parede, pinta tudo, e é isso, se quiser é assim”. Um moleque aqui que começa a trabalhar com grafite vai ganhar mais do que com qualquer outra coisa que ele vá fazer. Aqui é diferente mesmo. Acho que muito pela necessidade social. Um moleque aqui começa a trabalhar com grafite vai ganhar mais do que com qualquer outra coisa que ele vá fazer. No estágio ele vai ganhar R\$300, no grafite, em um trabalho merda, ele ganha R\$300, se ele fizer uma coisinha, ele vai ganhar R\$100, R\$ 200, R\$ 300.

### **Houve até uma modificação da lei recentemente diferenciando pichação e grafite...**

A gente até costuma dizer que o policial, o PM, que é o curador. Se o cara disser assim: “Isto é grafite?” “Isto não é grafite não, hein?” Teve um episódio muito bom. Tinha uns 20 malucos de São Paulo, a gente foi pintar no canal do Leblon, na parede, aí chegaram os PMs, aí a gente pensou, fudeu, e aí chegaram os PMs e perguntaram: “Eu gostaria de saber o seguinte: isso aí que vocês estão fazendo é cultura ou é apologia?” “Não, não, é cultura”. “Então tá, tudo bem.”

### **Você chegou a fazer pichação?**

Eu cheguei ao Rio em 90, no auge da pichação. Eu era amarrado em pichação, eu adorava, copiava as letras, mas eu sempre tive o maior cuidado com a minha família, com minha mãe, e nunca vi sentido real em me arriscar tanto para fazer uma letra, uma assinatura. Eu imaginava, como já desenhava, na minha cabeça que eu iria fazer um desenho ali, sacou? Que isso era mais forte para mim. Eu achava irado a cultura, a pichação, os caras subirem, ficava olhando as marquises, eu conhecia os nomes, eu conseguia ler, eu ia lendo as ruas, né. É uma atração que eu tinha por esse mundo, mas eu não conseguia, não achava que aquilo ali iria...Tentei algumas vezes, na época eu era muito viciado em capoeira, eu desenhava, mas eu não faria. Muito legal, mas não faria. E com o tempo, na real, eu fui vendo que a minha onda era desenho e não pichação.

### **Você acha que, de uma certa maneira, o grafite é fruto de uma cultura áudio-visual, como a televisão, por exemplo?**

Total. A primeira vez que eu vi uma imagem de grafite foi na televisão, vendo filmes na Sessão da Tarde, de hip-hop, de *rap*, o começo, Public Enemy, Run-D.M.C. bandas que começaram a fazer sucesso na minha época, na década de 80, até os próprios Racionais, que passavam nos clipes, passava as cenas dos caras nas ruas, com imagens de tags, a influência foi meio essa.

**Hoje em dia existem muitas oficinas de grafite. Você acha que o grafite é educativo?**

Com certeza é uma cultura. E como qualquer cultura, que seja entretenimento, como o esporte, a música, ele com certeza tem esse potencial de transformação. Imagina para um moleque do morro, que está ali oprimido, entre o tráfico e ser entregador de uma farmácia, e vai pagar R\$ 100 para ele, e ele descobre uma coisa que ele gosta, que ele curte, e ele tem chance de ganhar uma grana. Aí começa a fazer e, um cara como eu, coloca ele para fazer um trabalho e dá R\$100, um outro, que também gostou, ele tem o estilo e tem a raça, e dá mais R\$100. De repente o cara arranja uma aula na Cufa. É muito real essa possibilidade de qualquer pessoa que faça grafite, em qualquer nível social. A gente fez uma oficina de grafite em 2003/2004, foi a primeira, não existia oficina de grafite, e pensamos: já que tá tudo mundo começando a fazer, já que a gente estudou, a gente sabe design, vamos fazer. Um amigo nosso emprestou uma casa em Botafogo, na Paula Barreto, e a gente fez a primeira escolinha. Eu fui para a Bahia passar as férias, neste meio tempo saiu no jornal que a gente ia começar a dar aula, a gente sempre teve o apoio dos jornalistas, do Globo, do Dia, de todos os jornalistas, sabe, sempre teve mesmo, a categoria que realmente ajudou foi a mídia carioca. É muito legal isso, como sempre foram atentos às coisas. E aí, quando eu cheguei de volta para dar aula a oficina estava lotada. Tinham 60 alunos. E nestes 60 alunos teve o pessoal que está colando azulejo, que é pessoal do MUDA, que é o Menton, o Duke, o Marinho, que faz aqueles olhos, também frequentou, o próprio Piá, que hoje faz parte do grupo, também fez parte. Por isto que eu digo que a gente foi uma peça fundamental para o desenvolvimento da parada. Naquela época não tinha uma formação para grafite. Nós éramos os únicos que tínhamos 200 revistas de grafite, 200 vídeos de grafite, então a gente tinha uma sala só de vídeos nessa escolinha e ficava rolando vídeo de grafite o tempo todo. A gente deixava disponível para a galera pesquisa de revistas. Foi neste momento que começou a pipocar muito grafite.

### **Naquela época já tinha grafite do pessoal da Zona Norte, não é?**

Já tinha. A gente começou na Lapa, lá na Zoeira Hip-Hop, e a Lapa é um lugar central, aí rolava um intercâmbio. A gente conheceu o Eco e o Ema, que eram de São Gonçalo, e conheceu o Bragga, o Ment, o Gais e o Chico, que era o pessoal da Nação (Crew). E a gente conheceu o pessoal da Nação e o pessoal de São Gonçalo que estavam fazendo grafite junto, na mesma época da gente. Dessa galera acho que só tem um que parou.

### **Por que a mídia foi sempre simpática ao grafite?**

A mídia é um pouco reflexo do que a sociedade acha, pensa, né? As pessoas são muito revoltadas com a pichação. E como todas as pessoas do mundo estão acostumadas e habituadas a ver jovens destruindo coisas, quebrando coisas, se agredindo, se matando, com torcidas e atos, idiotices totais de pessoas que não têm maturidade nenhuma, que somos nós quando somos jovens de 20 e poucos anos, que têm aquela cabeça. Quando você vê jovens, unidos, para colorir um muro, fazendo um mutirão, recuperando a cidade, porque tem muitos lugares que você só descobre que existe quando tem um grafite, porque antes de pintar ninguém nem vê, é tudo cinza, tá tudo misturado. Então, eu acho que, de uma certa forma, foi pela boa atitude dos grafiteiros que a sociedade abraçou, e a mídia conseqüentemente. A mídia foi reflexo, e a polícia, todo mundo acha a mesma coisa do grafite. A primeira coisa que nêgo fala quando vê um grafite é: “Porra, isso sim é legal, não aquela coisa, aqueles garranchos.” É uma situação muito complicada para mim, eu realmente acho que se não tivesse existido a pichação na minha vida, se eu não tivesse tido esse contato e o conhecimento do que era a pichação, eu talvez não teria sido grafiteiro, porque faz parte de uma evolução, né, da ferramenta, inclusive do spray. Quando nêgo começou a pichar não sabia que podia fazer aqueles desenhos. Nego queria se expressar na rua, não importava como, né? Tem um moleque que pichou e escreveu uma coisa que eu achei legal: “Grafite é arte, mas xarpi faz parte”. Eu acho que é realmente isso. Não tem como você fugir. Para mim, o grande barato da pichação é ninguém aprovar e os caras continuarem fazendo. Para mim isso é a coisa mais legal, talvez a única coisa legal realmente da pichação. É que não precisa do apoio da sociedade, da mídia, de nada, eles vivem por eles mesmos, eles fazem o que acham verdadeiro para

eles. Então, não precisa da aprovação de ninguém. Eu adoro quando conheço pichadores que falam, meu amarro em grafite, mas a minha parada é a pichação.

### **Mas tem gente que diz que o grafite saiu da marginalidade e foi para o mercado....**

Tem gente que é revoltado, diz que... Mas o sistema já ganhou, não tem mais o que brigar, tem que deixar rolar. Não existe mais isso. A mídia é o maior aliado e o maior...Tipo, pode ser um aliado fortíssimo como pode te destruir. Você tem que estar com ela, não tem jeito.

### **O grafite virou moda?**

Como grafiteiro, eu vi muita gente dizendo que o grafite é uma moda, que ia passar. Independente da moda, o grafite é uma técnica de arte, a ferramenta spray é muito versátil. A moda foi passando e a gente foi ficando. Agora eu quero ver daqui a dez anos para ver o que vai ter. Não tem mais como voltar atrás. Cada um dos integrantes desse universo, desse mundo, tem o seu papel na história do grafite. A gente faz com que o movimento seja forte e que aquilo tenha conteúdo. É uma história que está só se consolidando.

### **Você acha que o grafite, com toda essa transformação, perdeu em espontaneidade?**

Acho que sim, como tudo. A instituição de ensino, você ensinar alguma coisa, você cria situações similares à espontaneidade que nunca vai ser igual. Eu fui autodidata do grafite, eu fui da geração que aprendeu sozinha, aprendeu na rua, através de informação passada por palavras, de você olhar, nada de aula. E a gente mesmo criou esta história para poder, para quem estava chegando, aprender mais rápido, porque a gente sentia necessidade de bons trabalhos na rua. A gente tinha muito medo de o trabalho ficar tão ruim, de pessoas tão ruins irem para a rua e de neguinho conseguir proibir e não gostar do grafite. “Brother, no ritmo que está indo de qualidade ruim, neguinho vai ficar puto daqui a pouco com grafiteiro. Vamos ensinar essa galera fazer alguma coisa que presta porque senão a gente tá fudido”. Tava desandando. Quando a gente começou a pintar muito, todo mundo começou a ver que dava para pintar. Foi Deus e todo mundo para a rua. Mas o

ensinar tirou esse lado natural, sim. Como tudo. Tá mais formatado. Formatou porque precisa ser formatado.

### **O que a cidade significa para o grafiteiro?**

Para mim, é um grande parque de diversões gigante, um caderno de desenho gigante, tudo isso, tridimensional ainda, tem a opção da pilastra, de uma parede, a opção de um túnel. Para mim o grafite é muita diversão, a minha emoção é enorme de pintar o grafite nas ruas e depois ver o grafite pintado nas ruas. Os dois. Eu me sinto muito peão, trabalhador, ir para a rua sozinho, sem ter uma remuneração de fato. O barulho, dos carros, um calor desgraçado, e ao mesmo tempo aquilo vira um mantra para mim, eu não me incomodo, não fico tenso, sabe? Tem essa característica. Eu já levei muita gente para rua para tentar fazer grafite, e muitos não conseguiram dar continuidade, pelo ambiente hostil que a cidade é, a cidade é uma selva verdadeiramente. Eu já fui pintar na rua aqui perto, de vê nêgo ser roubado, de ficar amigo dos ladrões que roubaram o cara, de ser assediado por menina menor de rua, de piveta querendo me agarrar, tem de tudo. Então, você vê que a rua não é para qualquer um, entendeu? Não é para qualquer artista, não mesmo. O grafite tem essa coisa legal do intercâmbio das pessoas, do contato com as pessoas. Eu presto atenção em todas as pessoas quando eu estou pintando. Eu tenho uma noção do visual. Eu sempre fui da rua. Meu pai é muito da rua. Desde pequeno meu pai me levava para a rua. Assim, andar solto na rua.

### **A contradição faz parte do grafite?**

Ah, sim, e é isso que eu adoro. Isso é o que o mais legal.